

Prelúdio II

Mikel Plazaola

Ressoando com um ponto do prelúdio de Bernard Toboul: "Lacan apelou para uma psicanálise que não seja uma religião".

Uma leitura possível é: entre outras coisas, sem deus, nem fiel. Se para Freud a identificação do ideal funda a identificação e o laço entre os pares, com Lacan encontramos o paradoxo que um caminho analítico leva, ou pode levar, à queda do sujeito suposto saber. Isto é válido para o que cada líder pode representar.

No que diz respeito aos pares, isso leva, ou pode levar, a uma queda das identificações, quando se deixa de correr atrás da verdade mentirosa, não existe amor ao outro, não existe "tudo", mas existe o efeito "disperso desemparelhado"¹

Que laço então em uma escola para os analisados: sem deus (pode-se dizer também sem ideais), desemparelhados, sem identificações, ou pelo menos identificações consistentes.

Como os anacoretas, estariam os analisados fora do laço social comum? Como os anacoretas, estariam os analisados fora do vínculo social comum? Aqueles crentes que permanecem fora de todo relacionamento com os outros, com o mundo, que vivem afastados de qualquer laço com as pessoas, inteiramente dedicadas à contemplação, oração e penitência, que não têm laço social, mas um laço privilegiado com Deus.

A metáfora não funciona, pois sem religião ou deus, o anacoreta não tem razão de existir...

Os analisados seriam anacoretas ateus sectários (a seita muitas vezes é a forma como são descritas as associações e escolas de analistas) para quem o laço seria como os espinhos dos ouriços de Schopenhauer?

Apesar das óbvias dificuldades no laço entre analistas, isto não parece razoável.

Olhando mais para interior do que para os efeitos sobre o social, Lacan em a "Proposição", levanta a diferença do que é exigido por uma sociedade analítica e por uma escola de psicanálise, que para garantir a formação, precisa do *gradus*. Essa funcionamento (esse regime, diz Lacan) já gera um mal-estar, mas no final, devemos ser capazes de nos desvencilhar dele. O mal-estar, no entanto, não é suficiente para justificar a ideia. Ou seja, não porque há mal-estar que o objetivo buscado é atingido. "A ideia de que a manutenção de um regime semelhante é necessária para regular os *gradus* deve ser salientada em seus efeitos de mal-estar."

O laço social entre os analistas existe, é evidente, com seus prós e contras.

Como garantir os propósitos da função mais além do mal-estar que ela gera? Esse é o desafio que Lacan lança.

Nessas condições, além de um imperativo, o que pode nos empurrar para construir, manter ou nutrir um laço entre alisados

Se o Campo Lacaniano tenta não escamotear o real, temos o material ao alcance das nossas mãos; "Mas existe um real em jogo na própria formação do psicanalista. Afirmamos que as sociedades existentes fundam-se nesse real /.../ esse real provoca seu próprio desconhecimento, ou até produz sua negação sistemática.²

Falamos frequentemente de transferência de trabalho e transferência para a Escola, e fato que às vezes o trabalho faz laço.

Trinidad Sanchez-Biezma propôs em um trabalho de cartel a tese de trabalhar sobre os efeitos do real escutados no passe pode fazer laço.

Podemos aplicar esta tese ao trabalho em torno do real em jogo na formação do analista, ou sobre o mal-estar causado pela função da Escola.

Isso talvez tenha como consequência, mais do que um imperativo, um desejo e, às vezes, uma certa satisfação na tarefa, alcançada ou não, que se referiria, portanto, ao laço entre pares e, como todo trabalho, a um laço entre dispersos desemparelhados.

Hondarribia a 28-12-2022

1 Lacan, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. Outros Escritos (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Zahar. (p. 569)

2 Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Outros Escritos (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. p. 249.

Tradução: Andrea H. Fernandes